



OS MAIS  
BELLOS  
CONTOS

DE FADAS  
DE GRIMM

Tradução de  
MARIA LÚCIA PESSOA DE BARROS

Ilustrações de  
NILS



CASA EDITORA VECCHI LTDA.  
Rua do Resende, 144 - Rio de Janeiro



Direitos reservados

MCMLXVIII

Printed in Brazil

# A ondina do tanque



*O homem compreendeu imediatamente que aquela mulher era a ondina do tanque.*

**F**AZ muito, muito tempo, vivia num certo lugar um moleiro que ganhava mais do que o suficiente para viver com a mulher, a ponto de fazer grandes economias, que iam aumentando de ano para ano, e já era proprietário de férteis terrenos, que lhe proporcionavam abundantes colheitas.

Assim o bom homem se considerava feliz e não invejava ninguém.

Nesta situação, passaram-se vários anos; mas não há bem que sempre dure e não tardaram a vir os maus tempos para o moleiro.

Primeiro a tormenta destruiu quase tôda a colheita de seus campos, assim como a de seus vizinhos, de tal forma, que além de êle ficar arruinado, não podia ganhar nem um maravedil (1) moendo o trigo dos outros.

(1) Maravedil — antiga moeda gótica, usada em Portugal e Espanha. (N. F.)

Graças às suas economias, êle conseguiu passar aquêle ano; mas no segundo, foi pior ainda. Teve de hipotecar o moinho, e perdeu o apetite e o sono.

Certa manhã, já cansado de se revirar na cama sem poder dormir, saiu para tomar fresco.

A roda do moinho era acionada pela correnteza de um rio que, pouco mais adiante da casa em que vivia o moleiro, formava uma bacia que parecia um tanque.

Quando o moleiro ia passando pela beira, percebeu um ruído de água agitada e, curioso, meteu a cabeça entre as canas que cresciam na margem, e viu uma mulher lindíssima, que surgia da água, lentamente. Seus cabelos, sedosos e muito compridos, lhe cobriam o corpo quase que inteiramente.

O homem compreendeu imediatamente que aquela mulher era a ondina do tanque e,

assustado, ficou imóvel. Não sabia se devia se aproximar ou fugir.

Enquanto hesitava, a ondina o chamou pelo nome, com voz dulcíssima, e lhe perguntou o que o fazia sofrer.

Como se aquelas palavras lhe tivessem feito voltar a coragem, o moleiro se atreveu a chegar à margem do tanque, e diante da formosa mulher-ondina, respondeu que em outros tempos êle havia sido feliz e rico, mas que a desventura se obstinava contra êle de tal maneira, que já estava vendo chegar o dia em que teria de abandonar seu moinho.

— Não se preocupe — respondeu-lhe a ondina. — Eu darei um jeito de você ser muito mais feliz e mais ditoso do que dantes. Mas em troca, tem de me prometer que me dará o que acaba de nascer em sua casa.

O moleiro, pensando que devia ser algum gato, algum cachorro ou algum pintinho, não achou inconveniente em aceitar a exigência da ondina, e esta afundou na água, enquanto o pobre homem voltava para o moinho, cheio de esperança.

Porém, mal havia transposto o umbral, uma mulher que trabalhava para sua mulher correu ao seu encontro, e lhe disse, com cara alegre, que êle acabava de se tornar pai.

Aquelas palavras deixaram o pobre moleiro atordoado. Durante vários minutos êle permaneceu silencioso, compreendendo o engano de que havia sido vítima. Perturbado, aproximou-se do leito onde estava a espôsa, contemplou seu filhinho, e duas lágrimas que pareciam duas pedrinhas lhe caíram dos olhos.

A mulher perguntou então o que havia e o moleiro lhe contou a imprudente promessa que êle havia feito à ondina, deplorando que em troca da riqueza êle se visse obrigado a renunciar ao filho, entregando-o à ondina.

Ambos decidiram quebrar a promessa, e não entregar o menino. O moleiro, desprezando a riqueza, se pôs a trabalhar com mais afincado do que nunca, resolvido a sair da miséria pelo seu próprio esforço.

Mas era evidente que a ondina o protegia, porque seus negócios começaram a tomar um curso mais favorável e, sem que êle esperasse, tudo lhe corria bem, até mesmo aquilo que, em circunstâncias ordinárias, não lhe teria rendido dinheiro nenhum.

Enquanto isto, ia crescendo o menino, tendo o moleiro o cuidado de que êle nunca

se aproximasse da água do rio nem do tanque; mas vendo que transcorriam os anos e nada lhe acontecia, o bom homem começou a se tranqüilizar.

O menino se fez homem. O pai o empregou em casa de um caçador, para que aprendesse o ofício, e quando êle o aprendeu, foi à casa do homem mais importante da aldeia e lhe pediu que o tomasse a seu serviço. Pouco depois, o rapaz se enamorou de uma môça honesta e bela, e contraíram matrimônio.

O jovem caçador já não se lembrava mais nem um pouco da ondina. Achava que tudo aquilo devia ser apenas cismas de gente velha.

Mas, certo dia em que êle perseguiu obstinadamente um javali até matá-lo, suas mãos se encheram de sangue, e êle se aproximou da beira do tanque para lavá-las.

Mal suas mãos tocaram a água, surgiu a ondina, e enlaçando o braço em volta do seu pescoço, o arrastou para a profundidade das águas.

À noite, vendo que o marido não voltava para casa, a jovem espôsa começou a se preocupar. Um pressentimento lhe deu a entender que o marido havia sido vítima da ondina, pois por várias vezes êle lhe havia contado que devia ter cuidado com ela.

Cheia de desespêro, ela puxou os cabelos, torceu as mãos e chamava aos gritos o infeliz marido.

Mas o caçador não respondia.

Louca de dor, a jovem espôsa adormeceu, depois de derramar tôdas as suas lágrimas, e, em sonho, viu um caminho áspero, tortuoso, que ia dar no alto da montanha. Sonhou que o percorria com grande esforço, e que depois de alcançar o cume, via um vale risonho, onde se levantava uma cabana.

Entrou na cabana, e viu uma anciã, que a acolhia com um sorriso de boas vindas.

Naquele preciso instante a infeliz espôsa despertou, e vendo que já havia amanhecido, pensou que o sonho devia ter sido um aviso do céu e resolveu procurar aquêle caminho que tinha visto no sonho.

Não tardou a encontrá-lo, e empreendendo a penosa ascensão, chegou realmente à cabana da anciã, que a recebeu cordialmente, dizendo:

— Você deve estar muito infeliz para ter decidido vir visitar-me.

A jovem criatura lhe fez um relato do ocorrido, e a velha prometeu ajudá-la.

— Tome êste pente de ouro — disse-lhe. — Espere que chegue a lua cheia, e então se colocará na beira do tanque, e penteará seus cabelos. Quando terminar, deixe o pente no chão, e observe o que vai suceder.

A jovem lhe agradeceu efusivamente, foi rapidamente para casa, e refreou durante alguns dias sua impaciência. Mas quando brilhou no céu a lua cheia, ela correu para a beira do tanque, se penteou, e deixou o pente no chão.

De repente, viu levantar-se uma onda que carregou o pente, e, quase ao mesmo tempo, surgiu na superfície da água a cabeça do caçador.

Sem pronunciar uma palavra, êle olhou tristemente para a espôsa, durante vários segundos. Depois uma onda lhe cobriu a cabeça e êle não tornou a aparecer.

A mulher, muito triste, voltou à cabana da anciã. Esta lhe entregou uma flauta e lhe disse que fôsse tocar na beira do tanque, naquelas noites de lua cheia, e que a deixasse na areia, depois.

Como descrever a impaciência com que a atribulada espôsa esperou o dia seguinte? Quando o dia chegou, ela correu para o tanque, tocou uma música triste, que ouvira muitas vezes do marido, e deixou a flauta no chão.

Imediatamente uma onda enorme brotou da superfície da água e arrastou o instrumento.

Então, entreabriu-se o espelho líquido do tanque. Surgiu, não mais a cabeça do caçador, mas todo o tronco, e êle estendeu as mãos para a espôsa. Mas levantou-se uma onda enorme e o escondeu de nôvo, arrastando-o para o fundo.

A pobre jovem, cheia de fé, recorreu uma vez mais à anciã.

Esta lhe deu uma roca e lhe recomendou que fôsse fiar na beira do tanque, numa noite de lua cheia, e que a abandonasse na areia depois de ter fiado durante alguns segundos.

Assim fez a espôsa. Fiou uma boa quantidade de cânhamo, deixou a roca no chão, e um momento depois surgiu uma onda que a carregou.

No mesmo instante apareceu o caçador, que saltou depressa para a margem, abraçou a mulher, e os dois se puseram a correr, afastando-se dali.

Mas as águas do tanque elevaram-se para persegui-los, estendendo-se por tôda a planície, com grande ímpeto. Os dois já se viam perdidos, quando ela teve a inspiração de invocar a anciã que tanto os havia ajudado.

Instantâneamente ela foi convertida em rã, e o marido em sapo. Mas a violência da correnteza os obrigou a se separarem.

Quando, passado certo tempo, as águas se retiraram e êles tornaram a recobrar a forma humana, os dois esposos não puderam se reunir, por mais que gritassem, um chamando o outro. A distância que os separava era imensa.

Ignorando cada um dêles a sorte do outro, sentiam-se imensamente infelizes, e não tiveram outro remédio senão procurar um emprego, a fim de poderem subsistir, e ambos se dedicaram a guardar rebanhos, passando-se assim muitos anos, os dois mergulhados na mais negra tristeza.

Mas, em certa ocasião, quis o destino que os dois esposos levassem os rebanhos para pastar no mesmo lugar, pois êles viviam nas vertentes opostas da mesma montanha.

Viram-se, mas não se reconheceram, embora sentissem ambos a mesma alegria inexplicável, por estarem diante um do outro.

Durante vários dias continuaram a ir ao mesmo lugar, e numa noite de lua cheia, o pastor tirou uma flauta da sua bôlsa de couro, e começou a tocar uma sonata lânguida e melódiosa.

Ao ouvi-la, a espôsa começou a soluçar tão desconsoladamente, que êle perguntou:

— Por que chora, pastora? O que lhe aconteceu?

— Oh — exclamou ela, entre os soluços, — era assim que estava brilhando a lua quando eu toquei na flauta esta mesma canção, diante de um tanque, e apareceu o corpo de meu pobre marido. . .

O pastor a observou atentamente, e foi como se um véu tivesse caído de repente de seus olhos. Reconheceu a mulher dêle e, com um grito de alegria delirante, a estreitou nos braços.

Ela o reconheceu também, e cheia de júbilo, transbordante de felicidade, respondeu às suas manifestações de carinho.

Nem é preciso dizer que, dali para diante, êles nunca mais se separaram e foram felizes.